



SAMPLER: RECLICLAGEM SONORA E CULTURAL DO HIP-HOP CAPIXABA

Luiz Eduardo Neves
Mestrando do
programa de Programa de Pós-
Graduação em Comunicação e
Territorialidades (PÓSCOM) da UFES
E-mail: lenscomunicacao@gmail.com

Resumo

A apropriação de trechos de outras músicas no *rap* por meio do *sampler* pode representar uma homenagem aos artistas que influenciam os seus produtores, significando a busca pelas suas origens diaspóricas. De que forma o enunciado de diversos ritmos e nacionalidades conversam entre si afim de construir um novo produto cultural? Por meio de pesquisa bibliográfica e utilizando o método hipotético-dedutivo se pretende refletir sobre a prática das colagens sonoras dos DJs e produtores do *hip-hop* da região metropolitana da Grande Vitória com o intuito de perceber nessa manifestação comportamentos e construção de sentidos, inclusive na inter-relação entre mídia e subcultura. Será analisado de que forma esses produtores realizam uma verdadeira reciclagem sonora de um produto de massa global que se torna algo com a cara e identidade local. Este trabalho tem como referenciais teóricos os conceitos de polifonia e intertextualidade defendidos por Diana Luz Pessoa de Barros e Izidoro Blikstein, além da reterritorialização e hibridismo segundo Néstor García Canclini (2015).

Palavras-chave: Hip-Hop; polifonia; reterritorialização; hibridismo; sampler.

O *sampler* significa, ao pé da letra, amostra. O seu uso é, geralmente, como base melódica onde será construída toda a estrutura de caixas, bumbos, contratempos e outros elementos melódicos que darão suporte rítmico para a canção. Ou seja, as letras compostas pelos *rappers* estão na superfície enquanto o *sampler* representa a estrutura mais profunda da mensagem. Um complementa o



outro. Pode-se dizer então que no discurso do *rap* ocorre um diálogo intertextual, pois (BLIKSTEIN, 1994, p. 45) não é falado por uma única voz, mas por muitas vozes, geradoras de muitos textos que se entrecruzam no tempo e no espaço.

Como surgiu na Jamaica e ganhou força nos Estados Unidos por meio dos imigrantes que levaram a cultura dos *soundsystems* para as ruas do Bronx nos anos 70, é natural que a canção mais sampleada até hoje seja proveniente da *black music* norte americana – gênero musical de grande sucesso nos anos 60 e 70 é emblemático por ser permeado de um discurso de autovalorização dos negros.

No caso das produções capixabas, a música negra setentista é percebida nos trabalhos de grupos como Negritude Ativa e Suspeitos na Mira, que, respectivamente, referenciam o *soul* e o *funk* nas faixas “Rolê de Atitude” (1999) e “Trilha Certa” (2004). Enquanto que o *rapper* J3 buscou as raízes jamaicanas para compor a base de “A Voz da Rua” (2009), produzida em parceria com o DJ Zee-La, ex-membro da banda de música eletrônica Zé Maria. A trilha melódica dessa composição foi montada tendo como base o *looping* da guitarra de “Sun Is Shining” (1971), de Bob Marley.

A problemática envolta neste trabalho tem a ver com os direitos autorais, assunto recorrente quando se trata de produções envolvendo programações eletrônicas. A apropriação de trechos de outras músicas no *rap*, seja toda a melodia ou apenas uma nota musical, representa uma homenagem aos artistas que influenciam os seus produtores, significando a busca pelas suas origens diaspóricas? De que forma que o enunciado de diversos ritmos e nacionalidades conversam entre si para construir algo novo?

Grande exemplo desta polêmica é exatamente “Funky Drummer”, cuja bateria de Clyde Stubblefield está no DNA do *hip-hop* porém nunca foi creditada a ele (SISARIO, 2011). Devido ao poder criativo advindo do acesso às novas tecnologias e ao grande acervo de musical para *download* na Internet, tornou-se inevitável para a maioria dos produtores do gênero deixar de “pegar emprestado” amostras de outros trabalhos para criar o que se torna seu. “(...) Opondo-se à estética do culto devocional à obra fixa, intocável, o *hip-hop* oferece os prazeres da arte desconstrutiva – a beleza vibrante de desmembrar obras antigas para criar outras novas (...)” (SHUSTERMAN, 1998, p. 151).

Por meio de pesquisa bibliográfica e utilizando o método hipotético-dedutivo se pretende refletir sobre a prática das colagens sonoras dos DJs e produtores do *hip-hop* da região metropolitana da Grande Vitória com o intuito de perceber nessa manifestação comportamentos e construção de sentidos, inclusive na inter-relação entre mídia e subcultura.

Objetiva-se na dissertação em desenvolvimento do autor desta comunicação analisar de que forma esses produtores realizam uma verdadeira reciclagem sonora de um produto de massa global que se torna algo com a cara e identidade local. Este trabalho tem como referenciais teóricos os conceitos de polifonia e intertextualidade defendidos por Diana Luz Pessoa de Barros e Izidoro Blikstein, além da reterritorialização e hibridismo segundo Néstor García Canclini (2015).

Os DJs de *rap* buscam nos clássicos da *black music*, na MPB, no reggae e no samba contextualizar as suas origens e influências através do *sampler*. Sendo assim, Chico Buarque conversa com Renegado Jorge tanto quanto Marcelo D2 ganha com o *swing* e malandragem de Bezerra da Silva. Os enunciados implícitos e explícitos (BARROS, 1994, p. 5) dialogam e polemizam “olham” de posições sociais e ideológicas diferentes, e o discurso se constrói no cruzamento dos pontos de vista.

É inevitável o mergulho em sebos e na Internet para garimpar sonoridades pré-fabricadas. Em seguida, munidos de MK2, MPCs, softwares e hardwares, esses produtores sobrepõem uma trilha instrumental sampleada sob diversas camadas, recriando, assim, outra obra artística juntamente com os versos compostos por um *rapper* ou MC.

Referências bibliográficas:

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Dialogismo, Polifonia e Enunciação**. Em: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Org.). Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade. São Paulo: Edusp, 1994, p. 01-09.

BLIKSTEIN, Izidoro. **Intertextualidade e Polifonia** – O Discurso do Plano “Brasil Novo”. Em: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Org.). Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade. São Paulo: Edusp, 1994, p. 45-48.



GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4 ed. 7. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

SHUSTERMAN, Richard. **Vivendo a Arte** – O pensamento pragmatista e a estética popular. São Paulo: Ed. 34, 1998.